

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos


periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Editorial

O caminho da fé e suas interlocuções na sociedade.

The path of faith and its interactions in society.

Jaci de Fátima Souza Candiottto ^[a] 
Curitiba, PR, Brasil
Universidade PUCPR, Escola de Educação e Humanidades - PPGHD

Andreia Cristina Serrato ^[b] 
Curitiba, PR, Brasil
Universidade PUCPR, Escola de Educação e Humanidades - PPGT

Eva Gislane Barbosa ^[c] 
Curitiba, PR, Brasil
Universidade PUCPR, Escola de Educação e Humanidades - PPGT

Como Citar: CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza; SERRATO, Andreia Cristina; BARBOSA, Eva Gislane. O caminho da fé e suas interlocuções na sociedade. Caderno Teológico, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 09, n. 02, p.1-4, jul./dez, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.02.p1-4>

^[a] Professora doutora em Teologia PUCPR, <https://orcid.org/0000-0002-1780-545X> e-mail: jacicandiotto@gmail.com

^[b] Professora doutora em Teologia PUCPR, <https://orcid.org/0000-0003-0150-0413> e-mail: andreaserrato.as@gmail.com

^[c] Doutoranda em Teologia PUCPR, <https://orcid.org/0000-0003-4133-9601> e-mail: evagislane40@gmail.com

A fé não é um enclave isolado da existência, tampouco uma abstração meramente privada. Ao contrário, ela se constitui em relação: com Deus, com o outro, com a história e com o mundo. O caminho da fé se faz em movimento, em travessia, em escuta das dores humanas e dos anseios de sentido. Como afirma Paul Tillich, “[...] faith as ultimate concern is an act of the total personality. It is the most centered act of the human mind” (TIL- LICH, 1957, p. 4). Ou seja, a fé é a expressão mais profunda da interioridade humana diante da finitude, da esperança e da busca de sentido.

Essa perspectiva desafia a teologia a romper muros disciplinares e se colocar em diálogo com as múltiplas vozes da sociedade, com seus clamores, contradições e esperanças. Essa escuta ativa da realidade é também a marca das Teologias da Libertação. Como lembra Gustavo Gutiérrez, “fazer teologia é um ato segundo; antes está o compromisso com a vida e com os pobres” (GUTIÉRREZ, 1988, p. 8). A fé cristã, quando atenta aos sinais dos tempos, torna-se interpelação crítica da sociedade e possibilidade concreta de transformação. Nesse sentido, é pertinente a lembrança do ensinamento do Concílio Vaticano II, que, no número 44 da *Gaudium et Spes*, afirma:

É dever de todo o Povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo conveniente.

O compromisso com a vida, como destaca José Aguiar Nobre, exige que a teologia da revelação esteja em sintonia com os sinais dos tempos, afirmando que “a fé revelada somente será levada em conta se considerar a realidade das vidas nas circunstâncias em que vivem” (Nobre, 2021, p. 338). Nesse sentido, a revelação divina é compreendida como “experiência que brota do interior humano” (p. 337), e a linguagem de Deus deve ser viva, acessível e libertadora

A escuta atenta da realidade, especialmente dos pobres, é também marca das Teologias da Libertação e das espiritualidades críticas que desafiam opressões. Elisabeth Schüssler Fiorenza lembra que “a marginalidade cristã das mulheres tem suas raízes nos inícios patriarcais da Igreja e no androcentrismo da revelação cristã” (Fiorienza, 1994, p. 121), desafiando-nos a desconstruir estruturas excludentes. A fé, portanto, é prática histórica e profética. Como alerta Mariani (2014), uma espiritualidade autêntica precisa resistir às tentações do intimismo e do isolacionismo, pois ela “implica sempre uma prática e tem relação com a sociedade” (p. 1003).

A revelação divina, na perspectiva de Andrés Torres Queiruga, não vem de fora, mas “se realiza através do lento, duro e sinuoso trabalho da subjetividade humana” (Torres Queiruga apud Nobre, 2021, p. 337). Isso nos exige coragem de linguagem: comunicar Deus hoje implica “transformar a linguagem mediante a linguagem”, com abertura ao Mistério (p. 339). Como também relembra Mariani (2014), a vivência de fé em contextos de opressão, como nos “anos de chumbo”, revela a religião não como ideologia, mas como “suspiro dos oprimidos” (p. 1005).

Considerando essas reflexões sobre o tema do Dossiê, O caminho da fé e suas interlocuções na sociedade, os artigos foram organizados em três eixos, que expressam diferentes interlocuções entre fé e sociedade. O primeiro eixo, dedicado à espiritualidade e à mística, aborda experiências interiores que transcendem o individual e se abrem ao outro. A espiritualidade, como afirma Faustino Teixeira, “é cultivo de uma dimensão

fundamental... traduz um modo de ser, uma atitude essencial” (apud Mariani, 2014, p. 1004). Trata-se de um caminho de interioridade que também é interpelação da realidade.

O segundo eixo enfoca a fé como compromisso com a justiça social. Esse compromisso, como argumenta Nobre, só é possível quando a teologia se reconecta à experiência original do cristianismo, sendo capaz de enfrentar os “demônios que ameaçam deitar fora suas conquistas” (Nobre, 2021, p. 333). Nesse sentido, a fé é chamada a contribuir com a superação das desigualdades e com a construção da dignidade humana.

O terceiro eixo se debruça sobre linguagem simbólica, narrativas e alteridade, lembrando que comunicar Deus exige sensibilidade à pluralidade e às expressões culturais e sociais. A revelação é sempre fragmentária, afirma Miranda, pois “embora a fé do cristão se dirija à plenitude do Mistério de Deus [...] ela sempre terá o todo no fragmento” (apud Nobre, 2021, p. 340). Por isso, o gesto teológico inclui escuta das vozes marginalizadas e resgate de sentidos soterrados pela história.

I. Espiritualidade e experiência mística

Dois artigos desta edição mergulham na figura de Thomas Merton, monge trapista e pensador espiritual do século XX. Marcelo Barreira, em *A mística como dessubjetivação e impropriedade de si*, aborda a experiência de Merton à luz da mística que desestabiliza o eu e promove um esvaziamento necessário para a comunhão. Já Iuri Nunes, em *Thomas Merton: a presença de um amor e a escolha pela liberdade da solidão*, explora a vivência do amor e da solidão como tensionamentos fundamentais de sua espiritualidade. Ambos os textos revelam a profundidade existencial da fé como caminho de interioridade, mas também de abertura ao outro.

A dimensão simbólica e sensível da fé é o foco do artigo *Símbolo e linguagem do divino na perspectiva da Teologia da Mulher*, de Deise Bastos, que questiona a dominação da linguagem masculinizada sobre o sagrado e propõe uma reconfiguração do discurso teológico a partir da experiência feminina. Essa proposta dialoga com um dos grandes desafios da teologia hoje: repensar Deus com palavras que incluam, representem e libertem.

II. Fé e justiça social

No campo das interpelações ético-sociais, o artigo *Ação social da Igreja e migração haitiana*, de Ricardo Rodrigues Lima, apresenta a experiência da Cáritas em Londrina como expressão concreta do compromisso da fé com os direitos humanos. A ação da Igreja, neste caso, revela-se como mediação da esperança cristã com os clamores dos migrantes por dignidade e acolhimento.

Na mesma direção, o artigo *Os cinquenta anos da independência: análise da materialização dos valores fundacionais do Estado de Direito Democrático e de Justiça Social*, de Rui Mulieca Migano, examina o percurso constitucional de Moçambique e os desafios de concretizar os ideais fundacionais da libertação. Trata-se de uma reflexão que evidencia como fé, memória histórica e justiça se entrelaçam nas lutas populares por liberdade.

III. Narrativas e alteridade

A fé como experiência de memória e narrativa ganha expressão no artigo *Pretas-velhas: narradoras do Brasil*, de Luiz Izaac dos Santos Ribeiro e Maria do Socorro Pinheiro. A análise literária da figura da Preta-velha resgata

a importância da oralidade, da ancestralidade e da escuta como práticas religiosas que constroem pertencimento e identidade. Neste caso, a interlocução entre religião, cultura popular e literatura se torna um espaço fecundo de reflexão teológica encarnada.

A imutabilidade de Deus na perspectiva da teologia cristã ocidental com base nos escritos do profeta Malaquias e da Epístola aos Hebreus, de Anderson Nunes de Carvalho Vieira. Coloca o texto bíblico para uma análise do Deus cristão, descrito nas Escrituras Sagradas como o Criador de todas as coisas e Pai de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. É importante destacar que Deus não pode ser plenamente definido ou compreendido através da perspectiva racional de suas criaturas, ou seja, por seres humanos. Dessa forma, é necessário entender que todos os esforços humanos para captar a totalidade de Deus serão insuficientes, pois seres criados e limitados não têm capacidade de descrever a imensa plenitude de um Ser que é incriado e infinito.

Por fim, a resenha de Michel Eriton Quintas sobre o livro *Lupa da alma: quarentena-revelação*, de Maria Homem, convida o leitor a refletir sobre os impactos subjetivos da pandemia, revelando a vulnerabilidade e a potência dos vínculos humanos e da espiritualidade em tempos de crise. A obra resenhada é apresentada como um campo de interlocução entre psicanálise, cultura e teologia, abrindo horizontes para compreender os traumas coletivos e as possibilidades de resignificação.

Este dossiê evidencia que o caminho da fé se faz com muitos passos e vozes. Ele se constrói no encontro entre o mistério e o mundo, entre a solidão orante e a solidariedade concreta, entre a escuta mística e a denúncia profética. Que estas páginas inspirem novas reflexões e fortaleçam, na academia e na vida, a esperança crítica de que a fé, quando bem acompanhada, pode ser também caminho de justiça e libertação.

Referências

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Jesus: Miriam's Child, Sophia's Prophet. Critical Issues in Feminist Christology*. New York: Continuum, 1994.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación. Perspectivas*. 14. ed. Salamanca: Sígueme, 1988.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Espiritualidades e dinâmicas sociais: memória e perspectivas. *Horizonte*, v. 12, n. 35, p. 1002–1008, jul./set. 2014.

NOBRE, José Aguiar. A teoria da revelação divina: uma interlocução com a teologia de Torres Queiruga para comunicar Deus hoje. *Horizonte*, v. 19, n. 58, p. 325–351, jan./abr. 2021.

TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*. New York: Harper & Row, 1957.